NOVELLAE OLIVARUM



ANO X / MAIO 1952 / N.º 95

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO MAURÍCIO
Redactores — FERNANDO CAMPOS
— JOÃO PERESTRELLO
Proprietário e Editor — INÁCIO VIEGAS
Administrador — MANUEL HEITOR

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

Virgo Singularis — Padre Doutor Francisco Wakkers SS. C.C. ... 97

A O. V. S. no Patriarcado — A. J.-R. S. 104

Nossa Senhora no Oriente — Gaspar Novo 107

Da quadra popular — Fernando Melro 114

Unindo a firmeza dos princípios com a benignidade de Pai . . . 118

Crónica — A. J. 120

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO
SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PÔRTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

Livraria e Papelaria Moderna — **Machado & Ribeiro, L.da** — **Livraria Católica Portuense**

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50 — Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 — Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 16$00

Material escolar — Peçam catálogos indicando o género de livros

VIRGO SINGULARIS

A Santa Sé ao prescrever a celebração da festa do Coração Imaculado de Maria declara que «debaixo do símbolo deste Coração, a Igreja venera a exímia e singular santidade da Mãe de Deus, e principalmente o seu ardentíssimo amor para com Deus e Jesus Cristo seu Filho, e a sua piedade materna para com os homens remidos pelo sangue divino».

Um dos objectos simbolizados no Coração Imaculado de Maria é portanto a «exímia e singular santidade da Mãe de Deus».

Santidade exímia i.é: fora do comum, e singular i.é: única, e estes qualificativos competem-Lhe por ser a santidade da Mãe de Deus.

Com efeito, em Maria, a santidade, este adorno de alma que A eleva acima das coisas terrestres para A unir a Deus, está em proporção com a sua dignidade de Mãe de Deus, pois o Filho de Deus que se dignou fazer-se Filho da Virgem, devia à sua própria santidade substancial, à sua sabedoria e ao seu infinito Amor filial, que enriquecesse a sua Mãe com todos os tesouros da graça santificante que uma simples criatura era capaz de receber. À singular dignidade havia de corresponder uma singular santidade.

Oiçamos os santos cantar a grandeza incomparável da dignidade e da santidade de Maria.

S. Tomás na sua terminologia tão sóbria fala da «*singular* eminência» de Nossa Senhora.

Sto. Alb. Magno diz: «Ela não é uma de entre todos, mas uma acima de todos».

Com a mesma generalidade afirma S. Germano: «a sua honra e dignidade sobrepassa todas as criaturas».

S. Eutímio confessa Nossa Senhora superior a todas as criaturas quer nos céus quer na terra.

S. Efrém A chama «incomparàvelmente superior e mais excelsa do que os Querubins e os Serafins».

S. Bernardo canta: «Nem no céu se encontra criatura que possa louvar dignamente a Vossa magnificência, nem na terra que possa exprimir a Vossa glória».

S. Lourenço de Brindisi: «A sua grandeza é incompreensível para a inteligência criada».

S. Belarmino: «Nada se pode dizer de tão sublime da excelência da Mãe de Deus, que não seja vil e abjecto e inferior aos louvores que Ela merece».

Pio V: «Os méritos d'Aquela que achou graça, nem por língua angélica podem ser dignamente celebrados».

Pio IX: «Deus cumulou-A tão admiràvelmente, Ela possuia uma plenitude de inocência e santidade tal, que ninguém, senão o próprio Deus, é capaz de a atingir com o pensamento».

* * *

Finalmente a mesma supereminência e singularidade é também significada nas expressões em que os Santos e Doutores dizem que a Mãe de Deus, por si só, constitui uma ordem separada entre todos os seres criados.

S. Bernardo dizia: «Vós sois o ornamento da corte celestial, a admiração dos Anjos, Vós sòzinha uma novidade inestimável».

Sto. Alberto Magno: «Ela ultrapassa os Serafins, e ocupa portanto uma ordem acima deles».

S. Boaventura: «Como Ela está acima de todas as ordens, constitui por si mesma só uma ordem.

S. Tomás de Vila Nova indica a razão quando diz: «Ela só é a Virgem Mãe de Deus. Só por si constitui um coro».

S. Bernardino de Sena: «Ela está acima de todas as puras criaturas e por si só forma uma ordem inteira, na qual outra pessoa não pode ser conjuntamente admitida, porque esta por sua natureza exige a singularidade em razão da dignidade incomunicável de Mãe de Deus».

Nossa Senhora é, portanto, a mais sublime das criaturas, a obra-prima de Deus, incompreensível à inteligência criada, e inefável para qualquer língua angélica ou humana, única na sua ordem, e duma dignidade incomunicável.

* * *

Ora esta dignidade de Mãe de Deus é o fundamento e ao mesmo tempo a medida das graças que Deus Lhe conferiu.

Pio IX diz que «Ela só foi constituída domicílio de todas as graças» e que Deus de tal maneira A cumulou acima de todos os outros, que n'Ela só Se comprazeu com propensíssima vontade».

Leão XIII: «É por esta riqueza que Ela ultrapassa de longe todas as ordens de homens e anjos, sendo só Ela a mais aproximada de Cristo. Por isso a Igreja «sauda-A *singularmente* cheia de graça».

Pio XI: «A *singular* graça de Maria e a sua suprema dignidade depois da de Deus provém do dogma da Maternidade divina».

Pio XII na coroação da Virgem de Fátima ensina a mesma verdade com estas palavras: «O empíreo viu que Ela era realmente digna de receber a honra, a glória, o império, porque mais cheia de graça, mais santa, mais formosa, mais endeusada, incomparàvelmente mais que os maiores Santos e os Anjos mais sublimes ou separados ou juntos; — porque misteriosamente aparentada na ordem da união hipostática com toda a Trindade beatíssima, — qual Filho primogénita do Pai e Mãe extremosa do Verbo e Esposa predilecta do Espírito Santo».

E já tinha escrito na Encíclica «Mystici Corporis»: «a sua alma santíssima foi repleta do Divino Espírito de Jesus Cristo mais do que todas as outras juntas».

É que a Divina Maternidade faz com que Nossa Senhora pertença de certo modo à própria ordem hipostática pois pela Sua fecundidade virginal gera uma Pessoa divina segundo a natureza humana. Esta missão materna constitui toda a sua razão de ser, de tal modo que nos planos de Deus, a Virgem foi planeada em função da Incarnação do Verbo.

Os teólogos ensinam que Ela foi primàriamente predestinada a ser a Mãe do Verbo, e só consequentemente à sublime glória celeste.

Podemos dizer duma maneira mais concreta, que Deus não pensou primeiro em criar entre os descendentes de Adão uma mulher a quem depois queria conferir a função de gerar seu Filho na natureza humana, mas que, querendo a Incarnação do seu Verbo, pensou primeiro em criar-Lhe uma Mãe, e porque quis que este Filho fosse da raça de Adão, determinou que a Mãe fosse feita desta mesma raça. Assim se vê, que

nos planos de Deus, Nossa Senhora pertence a Cristo antes de pertencer a Adão, ou por outras palavras, que a sua pertença à raça de Adão não deveria impedir a sua pertença a Cristo. Ela devia sair daquela raça sem contrair o pecado original.

* * *

Daí que «os seus privilégios atingiram uma altitude e sublimidade tal como nenhuma criatura, com excepção da natureza humana de Jesus Cristo, jamais recebeu».

Pois foi «por um *singular* privilégio de Deus, que ficou imune de toda a mancha original». Fórmula dogmática.

Foi também «por um especial privilégio de Deus que ficou livre de todo o pecado actual, mesmo venial» (Conc. Tridentino).

Ela foi *singular* na sua fecundidade virginal, e virgindade maternal: «Virgo *singularis*».

Foi por uma graça «*inteiramente singular*» que Ela se tornou corredentora.

Porque em virtude de sua maternidade divina e exímia santidade ocupa um lugar intermédio entre Deus e nós, e tornou-se apta a desempenhar como Companheira de Cristo e em dependência d'Ele a função de Medianeira.

Singular também é o privilégio da sua Assunção gloriosa, como o Papa actual nos diz: «Por um privilégio *inteiramente singular* Ela venceu o pecado na sua Conceição Imaculada, e por conseguinte não estava sujeita aquela lei de ficar na corrupção do sepulcro, nem devia esperar até ao fim dos tempos para a redenção de seu corpo».

Assim se vê como de facto tudo é extraordinário em Maria Santíssima. «Deus que de toda a eternidade contempla a Virgem Maria com *singular* benevolência, realiza os planos da sua Providência de tal maneira, que resplandecem numa perfeita harmonia entre todos os privilégios e prerogativas que Lhe tinha outorgado com suma liberalidade» Pio XII.

Mas ainda não chegámos ao fim das maravilhas. Também na glória celeste Nossa Senhora é singular. Não só na sua bemaventurança pessoal, mas também como Medianeira nossa.

Com efeito a mediação celeste é condicionada por três factores especialmente quanto ao poder.

Leão XIII diz: «Ela goza de tanta complacência e poder junto de seu Filho que nunca nenhuma criatura humana ou angélica pode

alcançar igual; e até «ultrapassa de longe todos os santos do céu pelo seu poder».

Pio VII: «Porque as orações dos outros habitantes do céu apoiam-se sòmente na benignidade divina, mas as preces de Maria também num certo direito materno».

Pio X: «Ela como que administra os tesouros dos méritos de Cristo com direito materno».

Por isso Leão XIII diz: «Quem de entre todos os que habitam o céu podem medir-se com a Mãe de Deus quando se trata de obter graças? Quem vê mais claramente no Verbo Eterno quais os males que nos afligem e o bem de que necessitamos? Quem tem mais poder para mover a Divindade? Quem pode ser comparado com Ela em sentimentos de piedade materna. Ela goza de tanto favor junto de Deus, que se alguém, precisado de auxílio não recorrer a Ela, se porta como quem quisesse voar sem asas».

Com efeito a mediação celeste é proporcionada a três factores: o amor ou o mérito do santo, o conhecimento que ela tem das nossas necessidades, e a caridade com que nos quer ajudar, isto é, na medida em que os santos podem, sabem e querem ajudar-nos.

Mas sob todos estes três aspectos a Rainha de todos os santos é única e incomparável.

* * *

Finalmente é em razão desta eminente dignidade de Mãe de Deus, que se deve a Maria Santíssima um culto singular, a hiperdulia. O fundamento desta veneração não é portanto uma perfeição que, embora num degrau inferior, se encontra também nos outros santos, mas a qualidade exclusiva e incomparável da divina maternidade e por extensão a outras grandezas sobrenaturais de que este privilégio é a origem e a medida. Por isso a hiperdulia é especìficamente distinta do culto dos outros Santos, porque com ela se honra uma excelência especìficamente diferente, a de «Excelsa Mãe de Deus».

Prestemos, pois, a nossa hiperdulia ao Coração Imaculado de Maria, porque nela como num símbolo suavíssimo e atraente nos é proposta a exímia e singular santidade da Mãe de Deus.

Fr. Francisco SS. CC.

«A Obra das Vocações e dos Seminários é a igreja patriarcal que se ergue na oração comum a participar de uma maneira eficaz e efectiva na salvação das almas.»



Ainda não desapareceu o entusiasmo da peregrinação de 2 e 3 de Maio a Fátima. Ali se reuniram à volta do Pastor alguns milhares de fiéis do Patriarcado. Foi uma peregrinação de sacrifício que mostrou claramente a magnífica vitalidade da Obra das Vocações e dos Seminários.

Por isso aproveitámos a ocasião para ouvir o Rev. P.e Mário Correia, a quem Sua Eminência confiou os destinos da O. V. S.

— Nos últimos anos sofreu alguma modificação a Obra das Vocações e dos Seminários?

— Bastante! Pode mesmo dizer-se que sofreu profunda transformação. O que se vinha fazendo, era mais uma obra de auxílio aos Seminários que Obra de Vocações. Ainda perdura por aí esse conceito. Mas a O. V. S., procurando ajudar a resolver o problema financeiro, tem outro fim mais importante e mais alto: juntar a comunidade cristã em volta do Prelado para o milagre do Sacerdócio:— multiplicação dos Sacerdotes. Assim reconduziremos a Obra à sua ideia primitiva, à sua verdadeira missão: levar a Igreja toda, os fiéis também — não só a Igreja docente — a colaborar com o seu Prelado.

E explicando a finalidade da Obra, Sua Reverência continuou:

— A Igreja quer levar Cristo ao mundo. E como? Pelos seus Padres, pelo seu sacerdócio. O povo cristão deve rezar e sacrificar-se; para cumprir o preceito do Evangelho: «Pedi ao Senhor da messe que mande operários para a sua messe».

Portanto a O. V. S. é a Igreja a tomar consciência de que a Sua missão é continuar a obra redentora de Cristo.

— Não apareceram incompreensões?

— Discutiu-se muito o valor da O. V. S. Não haveria outras obras mais importantes? Creio que não vale a pena entrarmos em discussões inúteis. Recordemos as palavras de S. S. Pio XI quando Sua Eminência Lhe desenhou o quadro trágico do Patriarcado de há 22 anos.

— «Que vai Vossa Eminência fazer para restaurar o reino de Deus, para reconduzir o Patriarcado a Cristo?».

— «Santíssimo Padre, Vossa Santidade Me dirá!».

— «Senhor Patriarca, volte para Lisboa e comece pelo princípio — pelo sacerdócio. Dê ao Patriarcado bons Seminários e procure interessar pelo Sacerdócio todos os fiéis».

Mas basta olhar para a missão do Sacerdote na Igreja. Não há organizações que resistam à falta do Padre. Reparemos para as freguesias destes concelhos à volta de Lisboa: Loures, Sintra, Alenquer, Vila Franca, estão reduzidos a terra de missão. Uma ideia em que insisto muito na pregação, é precisamente esta: «quando o Padre desaparece, Cristo ausenta-se, a Igreja agoniza e morre, a Redenção torna-se difícil e em alguns casos impossível, regressa-se ao paganismo».

— Mas julga V. Rev. que a O. V. S. está já no caminho de remediar estes males?

— Começámos em fins de Outubro de 1949 a correr as paróquias do Patriarcado. O povo cristão reagiu e acorreu à chamada. E a verdade é esta: hoje há um verdadeiro exército de almas a rezar e a sofrer pelo Sacerdócio. Andam à roda de 22.000 os associados, distribuídos por 90 centros e dirigidos por 1.600 colectores e colectoras.

A O. V. S. é a Igreja Patriarcal que se ergue na oração comum, a pedir a Deus muitos e santos Padres, a participar duma maneira eficaz e efectiva, pela oração e pelo sacrifício, na santificação dos Sacerdotes.

— Mas, nesse caso, porque é que a Obra ainda não foi bem aceite por todos?

— Por razões de ordem vária. E para os vencer, é de absoluta necessidade levar os Sacerdotes a compreender o que é a O. V. S. e a sua missão na Igreja. São eles a garantia do triunfo total.

Há o problema monetário, necessário e indispensável, mas em 2.º plano. Nós precisamos de pão, mas o problema monetário está dependente do problema básico — o Sacerdócio. Só na medida em que a Igreja

Diocesana compreender e amar o Sacerdócio e tomar consciência do valor da O. V. S., ela dará para os Seminários.

E infelizmente, nós não pregamos o Sacerdócio. No pequeno inquérito que organizei para Fátima, uma das perguntas era esta precisamente: «Costuma ouvir-se com frequência pregações sobre o Sacerdócio?» — Resposta unânime: «Duas vezes no ano — quando se pede para os Seminários». E aqui ainda eu distingo: fala-se dos Seminários, não se fala do Sacerdócio».

Pio XI na Sua encíclica «Ad Catholici Sacerdotii» falou primeiro no Sacerdócio e depois nos Seminários. Nós fazemos o contrário. Pregamos só os Seminários e não falamos do Sacerdócio.

Perguntámos ainda a S. Rev. quem correspondia melhor ao apelo lançado...

— Geralmente a província corresponde melhor. Em Lisboa exceptuando os Centros de Santos, Estrela e Fátima, os das outras freguesias não passam de 300 associados. Na província temos vários Centros que vão de 600 a mil associados.

Finalmente pedimos ao Rev. P.e Mário Correia algumas impressões da peregrinação a Fátima.

— A Obra está bem lançada como se pôde observar em Fátima. Eram à volta de 10.000 os peregrinos e as Comunhões passaram de 7.000. Muitos homens e rapazes o que vem provar que a Obra tomou finalmente o caminho desejado.

E sacrifício... muito sacrifício. A peregrinação perdeu todo o brilho externo, mas ganhou muito em dedicação e sacrifício. O tempo nunca ajudou mas nunca se perdeu o entusiasmo. Foi um lindo Baptismo para a Obra. Um Baptismo no sacrifício pelos Seminaristas e pelos Sacerdotes.

A. J. - R. S.

Nossa Senhora no Oriente

Quando em 1949 uma Imagem de Nossa Senhora de Fátima passava por regiões muçulmanas, alguém perguntou aos maometanos de Maçuá, na Eritreia, qual a causa que os levava a engalanar tão festivamente as ruas da cidade. Com efeito, parecia à primeira vista que a Virgem Santíssima não tinha relações com os adeptos de Maomé.

Porém a resposta foi diferente: «*Maria é de todos; pertence a todos*».

Se assim se expressou quem não é discípulo de Jesus, com maior razão os cristãos do Oriente poderiam dizer o mesmo sobre a Mãe de Deus. Estes são nossos irmãos, embora há muito separados da casa paterna.

Como no Baptismo, também entre os Nestorianos, Monofisitas e, principalmente, entre os «ortodoxos» possui Nossa Senhora um lugar de relevo.

No *Dogma* é considerada como a criatura mais perfeita, vizinhando com a Divindade. Nela, dum modo especial, se reflete o poder, a sabedoria, a perfeição de Deus.

No *culto,* a piedade mariana é profunda, penetrando o mais íntimo da alma dos cristãos separados. Não passa uma hora canónica sem elevarem uma estrofe à Virgem; não há ladaínha que não tenha uma invocação a Maria; não há igreja em que não se coloque em realce a Sua bendita Imagem.

«Maria é de todos; pertence a todos».

MARIA NO DOGMA DAS IGREJAS SEPARADAS

1. — A Teologia *nestoriana* admite a Virgindade perpétua de Maria, a sua Imaculada Conceição no seio de Santa Ana, a Incorrupção depois da morte, seguida da Assunção corporal ao céu, e a Mediação Universal.

Mas não confessa a Maternidade Divina, porque proclama a existência de duas pessoas em Cristo; Maria é Mãe de Jesus-Homem e não é Mãe de Jesus-Deus. Acresce ainda que os erros nestorianos sobre o Pecado Original, Novíssimos, Graça e Redenção, herdados de Teodoro de Mopsuéstia, mancham consequentemente a pureza da doutrina mariana.

2. — Os cristãos *monofisitas* mantiveram sempre a doutrina da Maternidade Divina de Maria, embora um tanto desvirtuada pelos erros contidos na teologia cristológica. Admitem igualmente a Mediação de Maria e a Corredenção, muito cantada nalguns hinos monofisitas. Quanto à Imaculada Conceição encontramos em alguns dos seus teólogos e escritores a ideia duma certa purificação da Virgem no dia da Anunciação, como se Maria não tivesse sido isenta de toda a mancha no primeiro momento da sua vida e em cada momento da sua existência. Esta ideia passou, no século XIV, aos bizantinos donde voltou, nos tempos modernos, à Igreja Monofisita já como sentença contrária ao dogma católico.

3. — Entre as Igrejas dissidentes orientais é a *Igreja «ortodoxa» ou bizantina* a que conserva um maior número de documentos sobre Nossa Senhora: são hinos maravilhosos, homílias incomparáveis, orações lindíssimas.

Maria é dita por Teófano de Niceia como a mais excelsa das criaturas humanas e angélicas, e um verdadeiro compêndio do mundo criado, especialmente na ordem da graça. Associando Maria a Jesus, Teófano faz de Cristo e da Virgem a única fonte da nossa salvação.

A actual doutrina mariana na Igreja bizantina pode resumir-se em três pontos do Catecismo de Calínico: «A nossa Igreja denomina a Bem-aventurada Virgem Maria *Mãe de Deus,* porque verdadeiramente o gerou, *Imaculada,* porque foi purificada de toda a mancha ao descer sobre si o Espírito Santo depois da visita do Anjo, *sempre Virgem,* porque conservou a virgindade antes, durante e depois do parto».

A Maternidade Divina é o dogma fundamental da Mariologia; a Virgindade Perpétua, a Assunção Corporal e a Imaculada Conceição (Santificação no dia da Anunciação) são consequências dela.

A *Assunção* é atestada pela Liturgia, iconografia e piedade cristã. Celebra-se em todo o Oriente; a maioria das imagens de Nossa Senhora representam este privilégio, sobretudo na Rússia; ainda na mesma Rússia é muito comum um hino que diz assim: «Alegra-te, tu, que foste elevada da terra ao reino celeste!... Regozija-te, tu, cujo corpo incorrupto

foi glorificado com a alma!... O Criador elevou-te em corpo e alma ao paraiso!». E o breve Catecismo de Pedro Moghila assim reflecte o sentir oriental sobre a Assunção: «Segundo a doutrina de S. João Crisóstomo, todos os Santos ressuscitarão no último dia, excepto a Virgem Santíssima que já foi elevada ao céu com o seu corpo».

Todavia a definição dogmática de 1950 suscitou no Oriente «ortodoxo» malévola reacção; não se estranha, pois assim acontece quando Roma, em matéria de fé, determina alguma coisa, usando, segundo eles, de autoridade que não possui.

Hoje em dia a única divergência na Teologia Mariana — e bem doloroso é atestá-lo — encontra-se na doutrina da *Imaculada Conceição*.

A Tradição Grega é concorde em afirmar este dogma no sentido católico definido por Pio IX. O próprio Fócio ensinava que a Virgem foi concebida sem pecado original, afirmando que Maria foi «santificada no seio materno no primeiro instante da sua conceição». Depois de Fócio, e até aos fins do século XIV, os teólogos e escritores bizantinos continuaram a reconhecer a isenção do pecado original em Nossa Senhora.

Mas, ainda no século XIV, Calisto Xantópulo, pede desculpa de expor as suas dúvidas, e exprime a sua grande dificuldade em conciliar a Universalidade do Pecado Original e da Redenção com a doutrina tradicional da Imaculada Conceição.

Passados dois séculos, embora ainda fossem muitos os escritores, oradores e teólogos favoráveis à antiga opinião, já João Natanael diz claramente que Maria só foi santificada pelo Espírito Santo no dia da Anunciação.

De tal modo se espalhou esta opinião que, em 1668, o Patriarca Metódio III pôde declarar oficialmente o privilégio da Imaculada Conceição como invenção inconciliável com a Universalidade da Redenção.

A nova doutrina foi alastrando cada vez mais entre os gregos, e ainda no século XVII entre os russos, não sem grandes dificuldades. Mas já no século XIX se estava de volta à tradição primitiva, quando, em 1854, a definição dogmática da Igreja Católica deu pretexto a que escritores e teólogos orientais renovassem os antigos argumentos contra a Imaculada Conceição; e o Patriarca Antimo, em 1895, condenou a definição de Pio IX numa encíclica onde se lê: «A Igreja papista admitiu há quarenta anos uma inovação, impondo o novo dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria, inaudito na antiga Igreja e acremente discutido entre os próprios teólogos papistas».

MARIA NO CULTO DAS IGREJAS SEPARADAS

Não posso deixar de recolher nestas palavras alguns rasgos da devoção oriental à Imaculada. Na verdade, quando vemos imensas multidões acudirem a venerar a Imagem de Nossa Senhora de Kasan ou de Nossa Senhora de Vladimir na Rússia, quando contemplamos o espectáculo belo da chegada de embarcações com milhares e milhares de gregos ao Santuário da ilha de Tinos na vigília da Assunção; quando observamos numerosos peregrinos pelos vales e montanhas da Roménia em direcção aos centros de devoção mariana para festejarem a «Virgem grande» (15 de Agosto) ou a «Virgem bela» (8 de Setembro), não podemos conter um sentimento de alegria por ver que eles amam, como nós, a Clemente, a Piedosa, a Doce Rainha do Céu e Mãe dos homens.

No Oriente, a piedade mariana é fervorosa entre os *nestorianos* e *monofisitas*. Aqueles, apesar de negarem a Nossa Senhora o privilégio de «Mãe de Deus», procuram enaltecer as suas prerogativas. Estes dedicam-lhe um culto extraordinário ; exemplo bem real é o facto de contarmos no calendário da Igreja etíope trinta e três festas marianas e de o Canon da Missa estar completamente intercalado de preces a Nossa Senhora

Entre os do Cisma «*ortodoxo*», os bizantinos têm a glória de haver difundido no seu vasto império e de terem transmitido ao Ocidente as cinco grandes festas de Nossa Senhora, de que se falará mais adiante. E, por verem em Maria o Auxílio dos Cristãos, colocaram o império sob a protecção da Mãe de Deus cuja solenidade era celebrada com magnífica pompa.

Aos russos pareceu aludir o Santo Padre Pio XII na Consagração do Mundo ao Imaculado Coração, falando dos irmãos separados e especialmente daqueles «que Vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse a vossa veneranda imagem, hoje talvez escondida e reservada para melhores dias...». O povo russo é, na verdade, extraordinàriamente devoto de Nossa Senhora: prostra-se diante das suas imagens, fazendo-lhe pedidos, agradecendo-lhe dons, reconhecendo a sua excelência e abrindo a alma ao seu materno Coração.

Não se exagera, portanto, dizendo que o Oriente Cristão é o Reino de Maria, todo coberto como está pela sombra de templos consagrados a Nossa Senhora, e todo semeado de santuários dedicados à Rainha dos Anjos.

PRINCIPAIS FESTAS MARIANAS

São cinco as principais festas litúrgicas que o Ocidente celebra em honra da Virgem e estas são, regra geral, comuns a todas as Igrejas orientais, católicas ou dissidentes. Todavia foi o Oriente quem primeiro as celebrou, transmitindo-as depois à Igreja latina, provàvelmente no decorrer do século VII. São elas: a Conceição, a Natividade, a Anunciação de S. Gabriel, a Purificação no Templo e a Assunção em corpo e alma ao Céu.

1. — A *Conceição de Maria,* se não contarmos as Igrejas dissidentes siríaca e caldaica que a ignoram, é celebrada em todo o Oriente, no dia 8 de Dezembro pelas Comunidades Católicas siríaca, caldaica e maronítica (do Líbano), no dia 9 pelas Igrejas separadas bizantina e armena e pelas Comunidades católicas, copta e etíope e no dia 31 de Julho pelas Igrejas copta e etíope dissidentes. Verificam-se estas variações em virtude da Conceição ser regulada pela celebração da Natividade de Maria, festa mais antiga nas diversas liturgias.

A razão de ser desta festa mariana é o próprio facto da Conceição de Nossa Senhora: teria aparecido o arcanjo S. Gabriel a S. Joaquim a dar-lhe a notícia do milagre da conceição duma menina, destinada a ser Mãe de Deus, no seio estéril de Sta. Ana. Se modernamente prevalece o título de «Conceição de Ana» dado à festa, isso é fruto da reacção bizantina contra o progressivo conhecimento especulativo e prático do dogma da Imaculada na Igreja Católica. Mas, embora teòricamente a maioria dos teólogos dissidentes digam que Maria só foi purificada do pecado original no dia da Anunciação, na prática tal festa pretende sobretudo realçar a conceição passiva de Maria — e não a activa de Ana — que foi superior às outras, que foi uma conceição — milagre grandioso; é o que nos indicam os hinos e as homílias da sua liturgia.

2. — A *Natividade de Maria* é observada por todas as Igrejas do Oriente, exceptuando a caldaica separada. Fixou-se a 8 de Setembro, não se sabe bem porquê; só os coptas e os etíopes dissidentes é que têm duas datas: 26 de Abril e 7 de Setembro.

Parece ter começado em Jerusalém. No século VI foi acolhida em Constantinopla; e em Roma foi introduzida antes do Pontificado de Sérgio I (687-701).

3. — A *Anunciação de S. Gabriel a Maria,* unida à festa da Incarnação do Filho de Deus, é a celebração mais solene do ano litúrgico e todavia não existe no rito caldaico dissidente. É comemorada a 25 de Março, data correspondente a 25 de Dezembro; só os cristãos armenos separados que celebram o Natal do Senhor a 6 de Janeiro, à maneira de Jerusalém, é que a colocam no dia 6 de Abril.

Esta festa nasceu em Jerusalém pouco depois de 400; e em Roma começou a celebrar-se pelos fins do século VII.

4. — A *Purificação de Nossa Senhora no Templo,* com a Apresentação do Menino Jesus, só é desconhecida pela Igreja caldaica dissidente. A sua data é o quadragésimo dia depois do Natal. Exceptuando a Igreja armena dissidente, que a celebra a 14 de Fevereiro, todos os orientais a comemoram no dia 2 do mesmo mês.

Por ela se tembra que Maria, embora a isso não estivesse obrigada, pois dera à luz fora das leis ordinárias, se purificou como era preceituado a todas as mulheres israelitas que acabavam de ser mães. Porém, na Liturgia, passa tudo para segundo plano; a Apresentação de Jesus é que é o principal objecto da festa.

Originária de Jerusalém, daqui se difundiu durante os séculos VI e VII por todo o Oriente, chegando a Roma antes de 700.

5. — A festa da *Assunção de Maria ao Céu* em corpo e alma é a única comum a todas as Igrejas orientais, católicas ou separadas. Mas, enquanto por toda a parte é celebrada a 15 de Agosto ou no domingo mais próximo (unindo a Morte à Assunção), as Igrejas copta e etíope dissidentes comemoram a Morte a 16 de Janeiro e a Assunção a 9 de Agosto.

Tão expressivas e belas, tão simples e afirmativas como a romana, são as Liturgias orientais sobre a Assunção gloriosa de Maria. Os gregos celebram-na nos seus ofícios com estrofes inspiradas na antiga lenda referente à Morte e Assunção de Maria. Os coptas, embora monofisitas, professam a mesma fé e preparam-se para a festa com grandes jejuns. Enfim, todos os orientais cantam a Assunção de Nossa Senhora com entusiasmo singular, com alegria indizível.

Esta festa parece ser do século V e originária da Palestina; passou a Constantinopla no século VI e estabeleceu-se em Roma certamente pelos fins do século VII.

CONCLUSÃO

Confiemos na Virgem Santíssima!... Ela inspirará aos dissidentes o desejo da união; dar-lhes-á um coração dócil para escutarem a voz dos seus Santos Doutores, que são também nossos Pais na fé. Sem dúvida, Maria, a Quem eles e nós dirigimos súplicas filiais, apressará a realização do ardente desejo de Jesus Cristo: — «Que todos sejam um só».

GASPAR NOVO

BIBLIOGRAFIA

«Encontro ai fratelli separati di Oriente», Per l'unitá della Chiesa, Roma, Unione Missionaria del Clero, 1945.

«Las Iglesias Cristianas de Oriente» (Texto de Teologia Oriental), Santiago Morillo, S. I., Granada, 1946.

«Por la Conversión del Oriente» — El octavario por la Unión de las Iglesias y el Dia de Oriente Cristiano, Publicaciones del «Centro Oriental», Granada.

«Oriente», Organo bimestral ilustrado de la O.M.D.O.C., Madrid; N.os 22-23 (Julho a Outubro de 1947); N.º 27 (Maio-Junho de 1948); N.º 42 (Novembro-Dezembro de 1950).

«Oriente cristiano», revista mensual unionista, Madrid; N.º 1 (Janeiro de 1951); N.º 5 (Maio de 1951).

«Manual de Historia Eclesiástica», P. Bernardino Llorca, S. J., Editorial Labor, S. A., Barcelona, 1951.

«Seguindo as pisadas dos Nossos Antecessores, trabalhámos assìduamente para que o retorno à Igreja Católica se torne mais fácil aos orientais».

* * *

«Ante as avançadas adversas confederadas, não podem permanecer por mais tempo separados e dispersos quantos, assinalados com o sagrado carácter do Baptismo, têm por dever de ofício a obrigação de pelejar nas batalhas de Cristo».

PIO XII

(Encíclica «Sempiternus Rex»)

DA QUADRA POPULAR

«Le sens du poème ne fait qu'un avec sa forme verbale» — escreve Raïssa Maritain no primeiro dos ensaios de «Situation de la Poésie», «Sens et Non-Sens en Poésie».

Isto compreende-se. A Poesia situa-se na linha da Arte; pertence à ordem prática da inteligência. O próprio étimo — η ποιησις — significava na idade clássica, toda a actividade da razão operante (de ποιειν — fazer). Há, portanto, que se ter em conta a missão criadora da Poesia. É mesmo a única. E é traidor à sua missão o poeta que abusa do dom intuitivo para se afundar na especulação do seu mundo.

Ora — continuando — o objecto criado não é simplesmente o sentido poético significado pelas palavras. Estes não são apenas sinais; são também objectos. Constituem, analògicamente, um corpo cuja forma ou alma é o sentido poético. Poema chama-se a união substancial da palavra e do sentido.

* * *

Mas, porque vem esta arranhadela filosófica preambular um trabalho que, pelo título, se mostra simples e comum?

É que fez-se coisa certa falar da quadra popular e logo dizer que é dos géneros mais difíceis na Poesia. Visto que o gosto feito da afirmação, se lhe roubou novidade, lhe não diminuiu a verdade, ouso igualmente repeti-la: a quadra popular não é, como parece, um género fácil. A dificuldade vem-lhe precisamente de informar a palavra com a ingenuidade criadora, a simpleza de sentimentos, a pureza de inspiração do lirismo popular. E se isto não acontece espontâneamente, a palavra deixa de ser objecto poético; é um simples sinal lógico extrínseco à poesia; o verso não vai além de prosa bailada. Assim, facto curioso, esta dificuldade inerente ao género explica-se por um contraste: é preciso que a forma verbal seja espontânea, fácil. Mas espontaneidade é o que o vate

nem sempre tem de nascença. A alma popular possui-a naturalmente; nela é que o poeta se pode amodelar.

Num verão, subi o Montejunto para olhar do topo a paisagem ribatejana espraiada a Levante. No pendor oposto, a umas dezenas de metros abaixo, ergue-se uma capela, quase igreja, solitária, nas ruínas dum velho convento domínico, e consagrada à Senhora das Neves. Ali, todos os anos por Agosto, sobem as gentes que vivem ao redor da montanha, a uns seiscentos metros ao fundo. A ladeira é de esfalfar. Caminhos pedregosos em demoradas voltas pelas mateiras arriba, pouquíssimas sombras e uma secura de água esbraseante. Quando chegamos à Senhora das Neves e queremos subir até à capelinha de S. João que, lá no alto, coroa a Serra, temos de ali descansar, numa tomada de alento.

Um poeta anónimo — trabalhador de jorna —, a gatafunhos hesitantes e na parede caiada do templo, botou assim esta reza:

Nossa Senhora das Neves,
venha abaixo e dê-me a mão
que eu quero lá ir acima
visitar o São João.

São encantadores na espontaneidade e transbordantes de alma estes versos publicados a lápis num muro de capela!

* * *

A forma verbal de quadro em redondilha maior fez-se para o povo português como o salmo para o israelita. É a Poesia que lhes brota na alegria e na tristeza, nas rezas e no trabalho. O judeu, ao dirigir-se a Jerusalém para adorar, entoava salmos Davídicos; o minhoto e o algarvio, ao subirem os montes em romaria, cantam redondilhas à Senhora e ao mesmo Deus de Jerusalém.

A Poesia popular não admite uma certa obscuridade que envolve a Poesia culta. A imaginação viva, os sentimentos simples, juntos a uma ingenuidade nativa fazem com que realidades abstractas, conceitos mentais e princípios metafísicos se coloreiem e se vistam garridamente de música e de graça. Até mistérios divinos se alumiam em metáforas de feliz analogia.

Seja exemplo esta quadra sobre a Incarnação do Verbo:

No seio da Virgem Mãe
incarnou divina graça;
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.

E estoutra:

Caiu a gota de orvalho
na rosa, de madrugada;
o orvalho foi Jesus Cristo,
Maria — a rosa orvalhada.

* * *

Como toda a Poesia, o lirismo popular nasce duma experiência, dum contacto das almas com a realidade íntima das coisas. Nesse contacto os seres ganham vida, tornam-se humanos, irmãos nossos. Assim, com imagens colhidas do que rodeia o povo, as quadras saltam-lhe com frescura dos lábios:

— As lutas da nossa vida
são como as ondas do mar;
ainda uma é mal sumida,
outra se é já a formar.

Duas coisas só no mundo
têm penas a valer:
o passarinho que voa
e o homem que diz sofrer.

* * *

Com a Fonte da graça, o Cristianismo trouxe aos homens maior sede de Beleza. É como quem vai pelos campos e encontra uma nascente onde a água borboreja e a sombra convida. Irresistìvelmente lhe aperta a sede e mergulha as mãos no regueiro.

A Poesia deve imenso ao Cristianismo, não por este lhe fornecer novas e excelentes imagens poéticas, mas porque a graça entrou por Cristo na terra e deu vida aos espíritos, e despertou-os para a Luz do Senhor e os santificou naquele Espírito que é Poesia e Verdade.

«Parce que la poésie, mon Dieu, c'est Vous»

(Jean Cocteau)

A maior riqueza da nossa Poesia popular vem-lhe do Cristianismo que espelha, seja nos medievos cantares de amigo:

Quero eu, amigas o mundo loar
por quanto bem mi nostro Senhor fez:
fez-me fremosa e de mui bon prez
ar faz-mi meu amigo muito amar.

(João de Guilhade)

Seja nas redondilhas do nosso tempo:

Virgem Senhora da Graça,
branca rosa de marfim,
que a vossa graça me faça
rosa do vosso jardim.

FERNANDO MELRO

UNINDO A FIRMEZA DOS PRINCÍPIOS COM A BENIGNIDADE DE PAI...

É verdadeiramente extraordinária a larga visão que o Santo Padre Pio XII mostra na resolução dos problemas mais difíceis do governo da Igreja. O seu Pontificado regista actos duma grandeza excepcional:

Definição do Dogma da assunção da SS. Virgem; Decreto «Sacramentum Ordinis» em que se determina a essência do sacramento da ordem, acabando assim com tantas discussões estéreis; Encíclicas «Mediator Dei» e «Mystici Corporis Christi» sobre a Sagrada Liturgia, o Sacrifício Eucarístico e a Igreja; Restauração da Vigília Pascal, onde se vê bem o desejo do Papa em fazer o povo cristão participar no culto da Igreja; Exortação «Menti Nostrae», poema de bondade e solicitude do grande Pontífice por todos aqueles que são o «sacramento de Cristo» no meio dos homens; Delegação concedida aos párocos para administrar o Sacramento da Confirmação em casos determinados.

Na sequência desta obra admirável, o Santo Padre acaba de conceder, num gesto profundamente paternal, licença a um ministro protestante convertido ao catolicismo para se ordenar sacerdote, continuando a viver em matrimónio.

A pessoa objecto desta dispensa é hoje o P.e Rudolf Goethe, ordenado sacerdote por Mons. Stohr depois de se ter preparado no Seminário Maior de Mayence.

O P.e J. M. Reuss, Reitor deste Seminário, explicou aos fiéis, na Imprensa, este facto excepcional:

— O P.e Goethe, depois de se converter ao catolicismo, tinha um ardente desejo de se fazer verdadeiro sacerdote de Jesus Cristo a fim de oferecer o Santo Sacrifício, administrar os Sacramentos, pregar o Evangelho e contribuir para a união dos cristãos num só rebanho, segundo o desejo do Mestre.

No entanto o P.e Goethe, enquanto ministro protestante, casara legìtimamente e este matrimónio continuava um sacramento válido mesmo após a conversão. Como resolver esta dificuldade, pois os sacerdotes de rito latino são obrigados ao celibato? Seria extremamente difícil, senão

impossível, abandonar a esposa a quem prometera diante de Deus fidelidade até à morte. O Santo Padre soube resolvê-la sàbiamente, concedendo uma excepção à lei do celibato.

A decisão pontifícia é um facto histórico de importância extraordinária no trabalho da união dos nossos irmãos, separados há quatro séculos do verdadeiro pastor.

Espera-se a conversão de muitos outros ministros protestantes que são almas de boa vontade a quem o Espírito Santo tem iluminado, mas cuja situação se tornaria crítica, depois da conversão, se tivessem de separar-se da esposa com quem vivem em santo e casto matrimónio.

A decisão do Papa não significa, porém, que a lei do celibato na Igreja de rito latino fica para o futuro menos firme. É uma excepção em favor dos ministros protestantes convertidos que se querem ordenar sacerdotes, mas não podem deixar a esposa legítima e têm de continuar a manter a promessa de fidelidade que lhe fizeram diante de Deus.

Nem tão pouco esta excepção foi outorgada de maneira geral; cada caso será submetido ao Sumo Pontífice. Presentemente o Papa concedeu esta derrogação à lei geral em favor do P.e Goethe e de um outro convertido que se prepara para as ordens no Seminário de Mayence.

Sabemos, por pessoa que está a par destes problemas, que na igreja anglicana isto provocou uma profunda impressão.

Creio que a nossa atitude deve ser de acção de graças ao Senhor por nos ter concedido viver na época em que se senta na cátedra de Pedro um Pontífice tão esclarecido que alia à guarda firme dos princípios uma compreensão tão profunda dos problemas, que sabe abrir uma excepção em assunto tão grave quando uma recusa seria prejudicial ao trabalho da unidade. Como esta atitude está longe dos desejos nada construtivos de alguns padres, vindos ao sacerdócio com espírito diferente do do Evangelho, que desejariam a abolição do celibato! Neles é a carne que fala, no caso presente é o amor de Jesus Cristo que leva o Santo Padre a proceder assim.

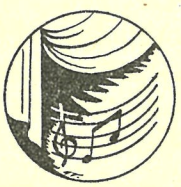
I. R.

CRÓNICA

O nosso Pastor

Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca voltou a passar mais uns dias connosco. No interesse pelo aperfeiçoamento dos futuros colaboradores, Sua Eminência falou a cada Curso em particular, inteirando-se das nossas dificuldades com uma palavra amiga e oportuna.

E num reviver dos tempos notáveis de Coimbra, desenvolveu-nos em duas lições admiráveis, um problema cultural da máxima importância: «A Inquisição em Portugal», desde o juízo menos seguro da Historiografia liberal até à visão total do problema, integrado nas concepções da época.



Festa da Imprensa

Com uma regularidade que já constitui tradição, a Academia de Santo António tem organizado todos os anos uma Sessão Solene de homenagem à Imprensa Católica e aos pioneiros obscuros e esforçados que labutam nesse campo de importância vital.

Este ano dignou-se aceder ao nosso convite o grande jornalista Pedro Correia Marques, ilustre director de «A Voz».

Numa palestra que todos seguiram com o maior interesse o orador foi-nos apresentando sucessivamente as peripécias várias da sua curiosa vida de jornalista: As primeiras experiências e os primeiros dissabores, por entre rivalidades de Partidos.

Por fim teceu algumas considerações oportunas acerca da missão e deveres do jornalista católico nas horas conturbadoras que vivemos.

Para o brilho da Sessão Solene contribuiu generosamente o Grupo Cénico da Mocidade Portuguesa que apresentou no palco uma peça de Fernando Amado e duas de António Manuel Couto Viana: «Era uma vez um dragão» e «O Caminho é por aqui».

Os nossos agradecimentos sinceros aos rapazes da Mocidade Portuguesa e de um modo especial ao talento multiforme de António Manuel Couto Viana.

O Coro Polifónico, sob a regência do P.e Viçoso Freire, cantou excelentes números de música clássica, sem esquecer duas admiráveis canções populares belgas.

Bibliotecas Paroquiais

Em sessão ordinária da Obra dos Coadjutores Espirituais, Fernando Cristovão forneceu-nos algumas indicações concretas da sua experiência na Paróquia da Anunciada, em Setúbal, onde se conseguiu fundar uma esplêndida Biblioteca, exemplo de bom gosto e organização modelar.

▪ No segundo Domingo de Maio tivemos o prazer de ouvir o Rev. P.e Vítor Franco, Capelão-Chefe dos Hospitais Civis de Lisboa.

Sua Reverência anda ao par de todo o movimento hospitalar português e não desconhece um único aspecto do problema grave da enfermagem.

Desenvolveu especialmente as lutas das Enfermeiras Católicas na O.N.U. para conseguirem a aprovação oficial dos seus programas, na base dos quais anda sempre o respeito pela lei natural.

E terminou com algumas impressões sobre o Congresso Internacional das Enfermeiras Católicas, efectuado em Lisboa, em Abril último, com vasta representação internacional e resultados bem palpáveis para as enfermeiras católicas dos nossos Hospitais Civis.

Pelas Catequeses

Maio é o mês das Festas nas nossas Catequeses. É também o Mês de Maria e nele ofertamos à Mãe de Deus o nosso esforço de um ano de trabalhos.

As Catequeses são uma obra essencial na vida do Seminário. São *vida*, a vida que dentro em pouco iremos viver, num trabalho extenuante de resultados mínimos, sempre na esperança de que a graça de Deus frutifique nos corações que recebem a boa semente de mistura com ervas daninhas e perigosas...

Mas o trabalho da graça não o avaliamos nós. Por isso mesmo lá voltaremos para o ano que vem, com a mesma esperança e o mesmo entusiasmo. E na alegria, tornaremos a *recomeçar*!

A. J.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

TRABALHO DA NAÇÃO
PARA A
ECONOMIA DA NAÇÃO

SACOR

UM ESFORÇO DIÁRIO DE
800
PORTUGUESES

SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas
Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103
TELEFONES P. B. X. 21271-27817
LISBOA



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

HOROPTICA, LDA

Rua de Santa Justa, 27

DESCONTOS AO REV.mo CLERO

A todos os nossos assinantes muito agradeceríamos a amabilidade de nos enviarem directamente o preço da assinatura, evitando-nos assim a cobrança postal que a todos exige maior despesa.

A ADMINISTRAÇÃO

CASA FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS. ARTIGOS DE METAL.

RUA DO SOUTO, 134 – BRAGA

TELEFONE 2704

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

A TOSSE



COM

BENZO-DIACOL